

A CIDADE COMO LUGAR DE FORMAÇÃO DOCENTE PELA ÓTICA DA ESCOLA CLÁSSICA DE ATENAS

THE CITY AS A PLACE FOR TEACHER TRAINING FROM THE VIEWPOINT OF THE CLASSIC SCHOOL OF ATHENS

Marcelo V. Bruggemann¹

RESUMO

A Escola de Atenas é representada num afresco localizado na sala da Assinatura, no Vaticano. Essa obra, mundialmente conhecida, apresenta inúmeros herdeiros do legado de Platão e Aristóteles, presentes no centro da épica pintura de Rafael Sanzio. Logo, este artigo apresenta reflexões a respeito da formação do professor sobre a ótica dessa escola e busca levantar os seguintes questionamentos: na atual conjuntura formativa docente onde o termo “crítico” se faz presente quase como um jargão, como seria a formação do professor, por meio das orientações dos velhos gregos que buscavam a formação integral humana, cujo fim era o bem comum da polis? Platão e Aristóteles poderiam ser a raiz epistemológica, pensando na qualidade formativa docente, em contrapartida ao atual contexto educacional contemporâneo? Na busca por respostas, este estudo se fundamenta na revisitação dos clássicos gregos, vislumbrando a formação integral humana, sendo o fim a vida virtuosa na cidade que se autoeduca, além de uma análise da configuração da atual educação brasileira, a qual prioriza a formação crítica, e pouco ou nada a formação integral docente, como reza a Paideia: A formação do homem grego, de Jaeger (2013); A República (1997), de Platão; e Ética a Nicômaco (2014), de Aristóteles; com vistas a levantar discussões sobre um tema pouco abordado no meio acadêmico, contribuindo, assim, para um estudo epistemológico expressivo.

Palavras-chave: Formação do Professor. Paideia. Educação Grega.

ABSTRACT

The School of Athens is depicted in a fresco located in the Signature Room at the Vatican. This world-renowned work features numerous heirs to the legacy of Plato and Aristotle, present at the heart of Rafael Sanzio's epic painting. Therefore, this article presents reflections on teacher education from the perspective of this school and seeks to raise the following questions: in the current educational context of teachers where the term "critical" is present almost as a jargon, how would teacher education be, through the guidelines of the ancient Greeks who sought integral human formation, whose end was the common good of the polis? Could Plato and Aristotle be the epistemological root, thinking about the teacher training quality, in contrast to the current contemporary educational context? In the search for answers, this study is based on revisiting the Greek classics, envisioning the integral human formation, with the end being the virtuous life in the city that educates itself, in

¹ Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

addition to an analysis of the configuration of current Brazilian education, which prioritizes critical education, and little or nothing to integral teacher education, as Paideia says: The formation of the Greek man, by Jaeger (2013); The Republic (1997), by Plato; and Ethics to Nicomaches (2014), by Aristotle; with a view to raising discussions on a topic little discussed in academia, thus contributing to an expressive epistemological study.

Keywords: Teacher Education. Paideia. Greek Education.

1 INTRODUÇÃO

Quando se pensa em Educação contemporânea, raramente se relaciona profundamente com a filosofia clássica, como a busca pela sabedoria, onde o homem como ser cultural e social está contido nesta sabedoria, sendo um dos aspectos essenciais para essa busca, saber como formar o ‘ser professor’, de modo a educar cidadãos para a vida na cidade.

Voltando-se para a historicidade humana, pode-se observar que filósofos como Platão e Aristóteles se preocupavam com a educação do homem, numa busca de como fazer emergir o que o homem tem de melhor, ou de como fazer com que este sujeito possa ser melhor, cuja finalidade é o bem comum do lugar de vivência. É nesse sentido que Platão e Aristóteles entendem a pólis, como o lugar onde “se encontra aquilo que abrange todas as esferas da vida espiritual e humana e determina de modo decisivo a sua estrutura” (JAEGER, 2013, p. 107).

Para os velhos gregos, a cidade e o cidadão são inseparáveis, sendo a cidade virtuosa, o lugar do ser humano honrado que compreende a educação como um meio para a consolidação de valores sólidos como estruturas morais de uma pólis justa. Logo, a pedagogia urbana é o caminho para formar um ser virtuoso. E de que forma se dá tal formação? Por meio do diálogo, como reza o ideal platônico aperfeiçoado com a realidade aristotélica de pólis como um organismo vivo, lugar de ação e de práticas virtuosas do homem como um ser político.

Este artigo, portanto, nasce da verificação empírica da inanição formativa humana, que se revela nas próprias práticas negligentes da academia, viciada na orientação crítica da escola de Frankfurt que nos leva ao questionamento se as diretrizes do ideal da educação da Grécia antiga com Platão e Aristóteles ao centro, não seria a garantia de uma fundamentação teórica sólida para a compreensão da raiz epistemológica da formação do professor com uma educação integral humana,

apto para contribuir na formação integral de educandos virtuosos para um fim cidadão.

Portanto, cabe aqui o questionamento chave, se é ou não possível a formação do ser professor, social e humano fundamentado nas virtudes mediada pela filosofia clássica, face a educação grega como modelo a ser seguido no atual contexto educacional, onde o relativismo, a complexidade, a individualidade, a criticidade a tudo e a todos se faz tão presente no meio acadêmico?

À vista dessas assertivas, este estudo busca discorrer sobre o termo Paideia, de Werner Jaeger (2013) à luz do entrelaçar entre o ideal grego e a categoria do que aqui se nomeia como uma “ética em profissão”. Trata-se de um tema que procura debater determinadas diretrizes para se pensar a questão do educar face aos sujeitos-professores, para assim chegar, metodologicamente às concepções da educação grega. Poder-se-á, com isso, distanciando das especializações fragmentárias da área docente, reconstruir e remodelar a arte do saber pedagógico, abrangendo nela seus aspectos essencialmente éticos e morais, em Platão e Aristóteles. Para tanto, supomos possível estabelecer para educadores contemporâneos neste terceiro milênio uma moderna e nova Paideia.

O discurso principiado por Platão e Aristóteles e suas sugestões educacionais são estimulantes e continuam atuais. A educação como a que se relaciona com a política, a escola e sua função social, assim como a justiça como fonte de uma sociedade são pontos esmiuçados neste estudo. Ou melhor, abordou-se, de maneira não exaustiva e simples, a sugestão educacional desses velhos gregos como forma de desenvolvimento da civilização por meio de um governo idealizado na justiça, e norteado para o bem comum. Portanto, para se ter educação necessita ter quem educa, onde a partir disso surge o papel do ser professor.

Este saber deve, portanto, chegar aos professores por meio de uma formação mais humana, fundamentada em valores como a ética e a moral, onde o indivíduo, pela força do hábito, deve diuturnamente buscar se desenvolver integralmente, logo, é uma sugestão, de formadores que pensam a educação grega como modelo aqui apresentado dos velhos gregos.

O embasamento teórico deste estudo encontra-se em Werner Jaeger, “Paideia, a formação do homem grego”, em sua 6ª edição de 2013, que nos leva até a velha Grécia, já por volta do séc. XII a.C., chegando em Platão e Aristóteles

quando a dupla emergiu racionalmente a existência política e social do homem, a partir do século V e IV a.C. Posteriormente, essa cultura chegou aos confins geográficos do mundo oriental graças a expansão macedônica liderada por Alexandre o Grande, onde do lado ocidental, os romanos também absorveram a cultura grega, que por sua vez, fez o mundo helenizado, tornar-se pavimento para o cristianismo.

De tal modo, buscou-se também fundamentações nos pressupostos teóricos dos filósofos gregos – Platão e Aristóteles – que viviam numa época de conhecimento e sabedoria, onde procurava-se no homem um ser dotado de virtudes numa cidade que educa para o bem comum de todos os cidadãos. Suas obras, como *A República* (1997), *Ética a Nicômaco* (2014), respectivamente, trazem discussões severamente importantes para a compreensão de como a educação, fragmentada nos dias atuais, encontra apoio em culturas educacionais clássicas que buscavam no professor o que há de melhor na essência da educação grega, a procura pela formação de sujeitos-cidadãos éticos e virtuosos.

2 O PROFESSOR NA PAIDEIA GREGA EM DIÁLOGO COM A PAIDEIA CRISTÃ

Conceber a Paideia era, para os velhos gregos, buscar algo do homem em sua essência, formular um ser que idealizasse o imaginário do Aretê: definição grega relativa às virtudes da antiga pólis e ao refletir em Jaeger (JAEGER 2013, p. 36), entende-se que o único caminho para a compreensão do conceito de “paideia”, é o debruçamento sobre a configuração da sociedade grega e como estes entendiam a cultura e a educação nessa sociedade. E a partir daí, como realizavam a educação dos seus cidadãos na forma como entendiam o ser humano.

Para o ocidente cristão, a Paideia se converteu em um dos legados imortais da mentalidade grega. Obviamente a palavra em si, “paideia”, não tem nos dias de hoje uma tradução ou um significado literal, tal nome remete a um conceito de entendimento global de “formação integral do ser humano”, como o próprio Jaeger assim diz logo em sua introdução:

Ao empregar um termo grego para exprimir uma coisa grega, quero dar a entender que essa coisa se contempla não com os olhos do homem moderno, mas sim com os do homem grego. Não se pode evitar o emprego de expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os gregos entendiam por paideia. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global, e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma vez (JAEGER, 2013, s.p.).

Ou seja, alguém que precisava se adaptar a sua estrutura biológica para alastrar-se às mais elevadas esferas espirituais, cujo fim, é a formação integral do homem para servir a cidade, tornando-se um exemplo de cidadão ético, moral, justo e virtuoso na pólis.

Platão e Aristóteles entendem a pólis, como o lugar onde “se encontra aquilo que abrange todas as esferas da vida espiritual e humana e determina de modo decisivo a sua estrutura” (JAEGER, 2013, p. 107), nesse sentido, a cidade e o cidadão são inseparáveis, sendo a cidade virtuosa o lugar do ser humano honrado que compreende a educação como um meio para a consolidação de valores sólidos como estruturas de uma pólis justa:

É esta a significação do novo Estado na formação do homem. Platão afirma, com razão que cada forma do Estado implica a formação de um tipo de homem definido, e tanto ele como Aristóteles exigem que educação de um Estado perfeito imprima em todos a marca do seu espírito (JAEGER, 2013, p. 142).

Paideia e Aretê eram compreensões voltadas para o mais elevado ideal humano de formação, maiormente, na busca do fortalecimento e da criação dos laços entre os homens, e daquilo que se relaciona à educação do ser e também do vir a ser, capazes de atribuir a dignidade máxima da condição de homens livres, e por isso aptos para a vida pública. Logo, os gregos foram os primeiros a situar a educação como problema, de modo que, a formação para Aristóteles e Platão é o critério empregue para criticamente se pensar a educação na atualidade. Jaeger (2013, p. 11), ao pensar Paidéia, destaca que:

Colocar estes conhecimentos como força formativa a serviço da educação e formar por meio deles verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras, é uma ideia ousada e criadora que só podia amadurecer no espírito daquele povo artista e pensador. [...] Os Gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser um processo de construção consciente.

Jaeger (2013, p. 1), esclarece que toda civilização que alcança certo nível de desenvolvimento tem tendência à prática educativa, “[...] o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana”. A particularidade da natureza humana compartilha de:

[...] condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação. [...] A educação não é propriedade individual, mas pertence por essência à comunidade (JAEGER, 2013, p. 1-2).

As indagações sobre educação, historicamente, estão interligadas numa relação de caráter inerente à sociedade. O conceito de sociedade justa como formação do homem cogitada por Platão (1997), norteia a nos indagar sobre as configurações adotadas pela educação na sociedade da tecnologia e do “conhecimento”, e nos faz questionar: qual o sentido da nossa sociedade e da educação? Que sujeitos-professores estão sendo formados para atuação no mercado de trabalho, ao mesmo tempo sendo aptos à vida urbana?

Se pensarmos o professor pelo ideal originalmente platônico como um ser que professa um saber, ou aquele que confessa ou abraça uma causa, ou ainda adota um ideal, somos conduzidos obviamente a observar em nossa língua pátria a própria conjugação do verbo professar no presente do indicativo, de modo à vislumbrar a indicação “professar” para um ideal a partir do sonho em ouvir do professor que professa; que nós professamos; que todos professores professam o orgulho de confessar e abraçar a nobre missão de educar para a vida cidadã.

O professor que professa promove o belo e enfatiza a busca do bem. Para os gregos, tudo que é belo é bom, tudo que é bom leva ao bem. O quarto livro da República, aponta para as aptidões inerentes de cada pessoa como natural, iniciada quando criança, logo, somos obrigados a compreender a importância de educar



adequadamente para o fim último: a justiça. Deste modo, os jovens alunos estariam sujeitos a um estruturado projeto pedagógico, que teria, além da música bela, à bela arte, a bela poesia à literatura bela construindo assim, um currículo programado para atender às demandas da cidade ideal.

Platão e Aristóteles entendem a pólis, como o lugar onde “se encontra aquilo que abrange todas as esferas da vida espiritual e humana e determina de modo decisivo a sua estrutura” (JAEGER, 2013, p.107), nesse sentido, a cidade e o cidadão são inseparáveis, sendo a cidade virtuosa o lugar do ser humano honrado que compreende a educação como um meio para a consolidação de valores sólidos, estruturas de uma pólis justa:

É esta a significação do novo Estado na formação do homem. Platão afirma, com razão que cada forma do Estado implica a formação de um tipo de homem definido, e tanto ele como Aristóteles exigem que educação de um Estado perfeito imprima em todos a marca do seu espírito (JAEGER, 2013, p. 142).

Chegando até aqui, podemos ampliar a educação grega, para os sofistas, conhecidos como os tiranos do logos, que na “Paideia” de Jaeger (2013, p. 348), receberam grande destaque, sendo considerados inclusive, como “os fundadores da ciência da educação”, não é por menos que até nos dias de hoje esse debate sofisticado é ainda pauta do “ser ou não ser” da pedagogia como “ciência ou arte”. De todo modo, foram os sofistas que ofereceram aos indivíduos a retórica, como ferramenta de ação em um mundo complexo, mutável e carregado de conflitos, onde cada cidadão pode, por meio de decisões tomadas individualmente, apontar o caminho da verdadeira educação.

A partir da reflexão política de Aristóteles, nos leva ao questionamento: qual é o papel humano diante da sociedade? A resposta se encontra na vivência para a ação na pólis como aponta Sócrates, tratado dogmaticamente por Platão, como “o educador” (JAEGER, 2013, p. 511), ou seja, todo o esforço humano deve ser direcionado para a alma como templo da razão, da inteligência. Cuidar da alma, significa concretamente “um cuidado através do conhecimento do valor e da verdade” (JAEGER, 2013, p.521). Por este caminho, se pode chegar a uma venturosa “harmonia entre a existência moral do homem e a ordem natural do universo” (JAEGER, 2013, p. 535).

A respeito do conhecimento da verdade e da moral expressada por Sócrates, seu principal discípulo, teve todo cuidado artesanal de registrá-las em forma de diálogo na República. É nesta grande obra de Platão, que se encontra os mais elevados exemplos das virtudes dos velhos gregos, um verdadeiro tratado pedagógico em que o próprio Jean-Jacques Rousseau declarou “a República não era uma teoria de Estado, como pensavam que só julgavam os livros pelos títulos, mas sim o mais famoso estudo jamais escrito sobre educação” (JAEGER, 2013, p. 759).

[...] na sua consagrada Paideia, lembra que a República é uma reflexão sobre a alma, uma obra de psicologia na qual Platão fará uma profunda análise sobre a educação, que nos leva a visitar Jean-Jacques Rousseau dois mil anos depois e vê-lo afirmar ser a República o mais “formoso estudo jamais escrito sobre educação”, assim, ao cuidar da alma humana, Platão lida com a tônica entrelaçada da Justiça e da Cidade e seus vários tipos humanos vivendo no mesmo espaço urbano destinado à formação da alma para constituição a cidade justa, e a cidade justa produz justiça em cada cidadão (BRUGGEMANN, 2021, s.p.).

A República é o centro da obra de Jaeger. Nela, o autor lembra a justiça como um audacioso projeto de reforma da sociedade idealizado por Platão, o qual concebe o Estado perfeito pela imagem aumentada do homem. Formar o Estado para Platão, significa formar o verdadeiro homem. Isso porque, esse homem “traz na sua alma o verdadeiro Estado e age e vive em vista dele” (JAEGER, 2013, p. 982). Nesse mesmo sentido, Souza (2017, p. 22), afirma que “a formação da alma formou a cidade justa, e a cidade justa produziu justiça em cada cidadão. A violência, em todas as suas formas, surge justamente na ausência dessa formação da alma e do cidadão.

A rigor, a harmonia que Jaeger insiste em sua Paideia, remete a união entre a filosofia com a experiência humana e sua concepção com o lugar do indivíduo na pólis, no caso grego, a sociedade. A Paideia se resume na educação para a formação do homem integral, livre, e apto para o exercício pleno da cidadania. O objetivo de tal educação, consiste em determinar as coisas que constituem a razão do ser e viver. É o horizonte a ser alcançado pela capacidade intelectual somado a liberdade moral e a apreciação estética com o controle das emoções evitando tudo que é nocivo à alma.

Em Platão temos a consciência da educação como colunas de sustentação das virtudes, dando ênfase a sua apreensão com a formação do ser político/cidadão. À luz de Teixeira (1999, p. 6), “sem dúvida, um dos grandes méritos de nosso século foi o de despertar uma consciência, praticamente universal, a respeito da educação e sua importância para o desenvolvimento das nações”. Porém, como a educação está desenvolvendo a nação moderna? E, sem equívoco algum, Sócrates, nos diálogos platônicos é o grande educador, mas é Platão e Aristóteles o centro da escola de Atenas, tendo a Paideia grega como coluna da civilização ocidental.

A paideia grega é um projeto tão ambicioso que o próprio cristianismo, nascido num universo helenizado, só encontra sentido por meio do ideal de transformação do indivíduo por meio da educação. Hoje, não há como pensar a civilização ocidental sem a intervenção da Igreja Católica como principal construtora, aquela que por meio das escolas/mosteiros conservou o ideal grego como mostra os próprios monges católicos que “não apenas fundaram escolas e foram professores, mas também lançaram as bases das futuras universidades” (WOODS JR. 2014, p. 43).

Mesmo sobre forte acusação dos iluministas do séc. XVIII que em grande medida influenciou o pensamento marxista dos séc. XIX, fazendo da religião o centro das críticas carregadas de preconceitos, é inegável que nos dias atuais, foram os monges os primeiros professores, pensadores da realidade, numa Europa devastada pelas invasões bárbaras dos séculos V e VI, que Woods Jr. (2014, p. 45), nos leva a refletir:

[...] mesmo que a contribuição dos mosteiros tivesse sido apenas a de ensinar os seus monges a ler e escrever, não teria sido um feito desprezível. Quando os gregos micênicos sofreram uma catástrofe no sec. XII a.C – uma invasão dos dórios, segundo alguns historiadores -, o resultado foram três séculos de completo analfabetismo conhecido como a Era Negra da Grécia: a escrita simplesmente desapareceu no meio do caos e da desordem. Mas o empenho com que os monges fomentaram a escrita e a educação evitou que a terrível destruição que se abateu sobre os gregos micênicos viesse a repetir-se na Europa após a queda do Império Romano.

Hoje, há o consenso de que, nove entre as dez nações com melhor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) são de origens cristãs, provando assim, que a educação é o caminho por excelência para a formação do sujeito-aluno face ao

mercado de trabalho. A questão é, como o professor mediante a formação do ideal do Aretê e da Paideia buscará em sua formação suporte para o ensino e aprendizagem dos seus alunos nos dias atuais? Seria a formação para o mercado de trabalho o caminho da educação? Ou para formação do ser crítico radical a tudo e a todos, conduzindo o aluno à um fim revolucionário com pouca ou nada de reflexão para o ser ontológico que busca um sentido de vida?

3 A REPÚBLICA COMO UM MANUAL DE PEDAGOGIA CONDUZ AS VIRTUDES COMO SENTIDO DE VIDA DO SER PROFESSOR

De acordo com Jaeger (2013) refletindo a República de Platão, a educação tem a função muito mais digna e nobre, do que a sua natureza técnica, haja vista que, de acordo com ele, não existe desenvolvimento sem virtudes. É a pessoa que necessita se desenvolver pela educação, isso inclui o profissional professor. O mercado de trabalho, a técnica, a economia necessitam de mão de obra qualificada sim, mas o professor deve se autovalorizar primeiramente como um ser virtuoso e professante de um saber específico, como lembrou Kant (2002, p. 12): “O homem só se pode tornar homem através da educação. Nada mais é do que aquilo que a educação o torna”.

Em suas palestras o filósofo italiano Giovanne Realle afirmava que a “Virtude para os gregos é aquilo pelo qual cada coisa desempenha da melhor maneira a atividade que lhe é própria”. De fato, como aponta Jaeger (2013) na Grécia antiga, o cidadão era preparado desde a infância para a vida pública, buscando formar o caráter por meio de sua competência natural. Cada cidadão deveria encontrar seu espaço na sociedade e assim trabalhar na constituição da pólis.

Logo, a formação do caráter se somava ao conjunto de conhecimentos desenvolvidos na própria essência da alma, sendo a virtude, o fim último da educação grega a ser alcançado, iniciando é claro, pela preservação do sistema educacional para formar “bons caracteres e, por outro lado, os caracteres honestos que receberam essa educação tornam-se melhores do que aqueles que precederam, sob diversos aspectos” (PLATÃO, 1997, p. 120), pavimentando assim, o caminho para edificação de uma sociedade virtuosa.

A tese de Platão é uma continuidade dos ensinamentos de seu mestre Sócrates, o qual, entende que a virtude moral é própria do indivíduo e Platão a estende para o Estado ideal. Com esse princípio, a Paideia grega é constituída de todo um sistema pedagógico, que tem por objetivo buscar no homem um ser completo. De início, a educação se atém de ambos, para logo em seguida direcionar as aptidões inerentes de cada pessoa, formando assim, um cidadão destinado a felicidade em um espaço/ofício social.

Refletindo a Grécia antiga com a ação inerentemente humana nos dias atuais, temos uma formação docente distante da reflexão das virtudes, e voltada para a busca da realização profissional, substituindo os valores, as práticas morais, crenças, tradições e saberes pela realização individual por meio de acúmulo de bens materiais e um lugar de vivência nessa sociedade complexa, materialista, cada vez mais ateísta levando, a sociedade à deriva das perplexidades, incertezas, contradições e vicissitudes que intervêm no tecido social.

A experiência demonstra que as pessoas que procuram a todo custo “realizar-se”, mas têm pouco interesse pela virtude, tornam-se inconscientemente escravas da moda e dos estilos de vida dominantes. Só podemos realizar-nos pela prática da virtude. Tudo o que nos separa da virtude afasta-nos de nós mesmos. (HAVARD, 2016, p. 183).

Reproduzindo um ser humano sem um sentido de vida, a qual se resume em busca de bens materiais como valor inerente para a própria vida “pondo decididamente em si mesmo seu fim, e não podendo mais suportar a máquina deste mundo, empreende uma guerra desesperada para fazer surgir um ateísmo radical” (MARITAIN, 1945, p. 31), buscando, assim, sanar um vazio de utopias, de sonhos ou projetos combinando vontade de permanência com sugestões de transformação.

Ainda nesse diálogo com Havard (2016) e Maritain (1945) refletindo a educação pós-moderna, temos de um lado, o homem como um ser instigado à competição pelo acúmulo de bens materiais e do outro, um ser doutrinado a criticar. Uma suposta crítica de liberdade dos grilhões do suposto mito da religião, levando o ser humano a uma nova escravidão ateística acomunado com o relativismo submisso a ciência e a técnica. Configurando-se no presente, o ser vítima de sofistas modernos ludibriados pela falácia neoliberal e suas promessas

democráticas, que como observa-se não se efetiva, porque a educação não se assume como ciência reflexiva.

Uma educação presente que lembra em muito a educação grega, que em certo ponto, se submetia aos sofistas, apontado por Jaeger (2013, p. 348), como “artistas da fala”, “tiranos do logos” e paradoxalmente considerado como “os fundadores da ciência da educação”, não é por menos que até nos dias de hoje esse debate sofisticado é ainda pauta do “ser ou não ser” da pedagogia como uma “ciência ou arte”. De todo modo, foram os sofistas que ofereceram aos indivíduos a retórica, como ferramenta de ação em um mundo complexo, mutável e carregado de conflitos, onde cada cidadão pode, por meio de decisões pedagógicas, tomadas individualmente, apontar o caminho a ser seguido.

A escola na sociedade pós-moderna, nesse sentido, não aponta um caminho, se limita, na melhor das hipóteses, apenas à certificação curricular do indivíduo para o mercado de trabalho, atendendo assim, as exigências da tirania mercadológica, certificando o ser humano como uma peça de qualidade comprovada em um currículo, conquistado por meio da educação formal. Porém, para Platão e Aristóteles, opositores aos sofistas o caminho é diferente, as virtudes humanas estão acima da profissão. Virtudes, que não aparecem em forma de nota em um boletim acadêmico, mas são alcançadas pelo hábito conduzindo as práticas de vivências virtuosas, morais e justas na pólis.

Aristóteles (2014), define que a busca de tudo que é bom leva o indivíduo a ser uma pessoa ética. O ser ético, é o indivíduo virtuoso, onde possa por meio desse saber, construir um Estado ideal de Platão, uma cidade justa com cidadãos dotados de virtudes, apreendidas na família, nas instituições formais e não formais existentes nas cidades, como por exemplo, a própria Igreja. Esses valores morais, direcionam as pessoas para a prática virtuosa, no atual contexto educacional, capitalista e globalizado, é o currículo. Nesse sentido, na ótica de Platão e Aristóteles, isso precisa ser urgentemente repensado, ou seja, refletir os meios de formação dos sujeitos-cidadãos e, de tal modo, dos sujeitos-professores.

Sendo assim, a leitura e análise desses clássicos, é a chave de abertura do caminho do sentido de vida em ser professor, agregando a lógica platônica e aristotélica às escolas contemporâneas, semelhante o grande trabalho realizado por Havard (2016), que lembra o professor como líder, o qual não procura a virtude para

ser eficaz, procura a virtude para se realizar plenamente como pessoa humana, um líder que “não têm por objetivo o crescimento espiritual a eficácia profissional; esta é simplesmente um dos seus múltiplos resultados” (HAVARD, 2016, p. 177).

4 PROFESSOR, O EDUCADOR POR EXCELÊNCIA

O filósofo neotomista Maritain (1945), com o seu Humanismo Integral, é entendido neste artigo pelo abarcamento da moral como um meio de orientação para a vida justa em sociedade, encontra relação a qual visa na pessoa do professor a sabedoria necessária para os fins da formação. O educador, como diz Maritain (1945), deve contribuir para o desenvolvimento integral do homem, a rigor, a educação não só prepara, mas conduz o aluno para expressar o bem na comunidade, por meio do domínio da moral e da sabedoria prática.

É uma sabedoria prática que visa à formação da pessoa e tende a torná-la mais livre, conduzi-la à sua plenitude pessoal e social e, conseqüentemente, à vida democrática / participativa. Todos os seres são semelhantes, mas também dessemelhantes. O educador e o educando são semelhantes em sua natureza, mas dessemelhantes em sua formação, daí o papel preponderante do educador, de sua ação moral na formação do educando, sendo causa eficiente e agente real. O produto da educação deve ser a pessoa humana que existe de boa vontade, por se sentir respeitada em sua personalidade, considera-se como parte da comunidade humana e poder expressar sua vontade e tendência ao bem (POZZOLI, 2019, p. 4941).

O professor, para o ideal grego, é o educador por excelência, é ele que diante da complexidade dos grupos e das formas de pensamento presentes na cidade, reconhece o espaço comunitário como sendo a própria escola. O lugar é, portanto, o ambiente perfeito para troca de boas experiências, de bons valores e de boa cultura, como bem lembra Platão (1997), podendo-se ainda dizer que o resultado do espírito de “concidadania” é valorizado.

Nesse sentido, a cidade com todos os seus templos, edifícios, ruas, avenidas, praças e parques tem potencial educativo. Logo, a educação para a cidade deve revelar ao homem a unidade, a ordem, o sentido de vida em uma cidade complexa. Aqui encontra-se a gênese da pólis na formação da alma humana, que leva o homem a enxergar que há uma transcendência a partir da imanência, onde o



homem é movido a olhar para si e reverenciar o lugar como um espaço sagrado e de pertencimento.

Já o professor, é o ser que professa um saber, declara diante de todos saber algo e é também um educador que orienta, alimenta, prepara, conduz seres humanos para fora de si, para a vivência das práticas virtuosas do bem comum, servindo assim à cidade complexa, buscando esse horizonte da cidade justa, por meio das suas próprias práticas virtuosas.

Como bem observa o professor Souza (2017), ao afirmar que atualmente a escola não leciona mais valores, somente conteúdos práticos; e as relações na escola inclinam-se para uma cultura de guerra, rivalidades internas e competição predatória, entre educandos e entre educandos e educadores, do ensino básico à universidade.

Isso certamente se reflete na ocupação dos espaços na cidade, onde a visão dos alunos – contrária ao que é proposto no humanismo integral e solidificado – passa a ser fragmentada e justificada por opressores contra oprimidos. Com a formação continuada por meio da educação dos velhos gregos, o docente estará melhor informado e formado sobre a gênese da cidade. Uma cidade que educa a todos sem distinção, e tem no educador um profissional preparado para ouvir as potencialidades educativas do meio urbano.

Pensando assim, uma cidade que educa, só será possível com professores virtuosos e com visão ontológica de cidade. No entanto, não existe caminho viável na educação, sem passar pela formação. Logo, o bom educador, deve ser visto como aquele que se mostra revelador a seus educandos por perpassar conhecimentos: informações culturais preservadas e herdadas como saberes cultivados socialmente. Porém o bom educador, mostra o conhecimento, e o traduz em sabedoria, ao fazer isso pelo hábito e por palavras; pela coesão entre aquilo que fala e as formas de se manifestar em público. O bom educador associa competências técnicas e habilidades, seja interpessoais, institucionais ou acadêmicas, com o essencial requisito da busca sempre presente de uma vida essencialmente digna, fundada pelo sentimento de justiça.

A vida em prol da justiça é invariavelmente e sempre o convívio com o próximo; é uma arte, a ser diariamente compartilhada: o constante domínio das condutas éticas face ao comportamento público; das formas quotidianas de se



revelar para o próximo. Mas é necessário lisura; todavia é essencial também a condição de autopreservação.

Em resumo, o agir ético é um hábito, uma prática, que ninguém tem a princípio, porém que necessita ser buscado dia a dia. Quando almeja-se tornar a atuação profissional do educador um hábito dotado de sentido (CAMPS, 1995), quando se traça a vida tomando do passado como significância e aprendizado, logo, somente a partir da ética que isso pode ser alcançado, de acordo com os ideais gregos – e ética só vale na prática continuada e refletida de alma ao caminho do bem comum, que, por sua vez, é bem partilhado.

Todo e qualquer agir interpessoal é manifesto na vida social, sendo uma propícia e expressiva conjunção para a prática de uma justa ação cotidiana. Essa condição de espírito e agir consciente imprime desenvolvimento pessoal e fomenta a criação e a recriação do ser humano enquanto ser para si, essa seria a formação ideal do professor na linha do pensamento grego, idealizado por uns dos principais representantes, Aristóteles e Platão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando uma cidade que educa e se autoeduca, tem-se nos professores os agentes educadores por excelência. São eles, os detentores da autoridade moral, os professantes do saber da ontologia da cidade, conhecedores do processo educativo, e, Platão (1997), inclusive, atribui à educação uma posição central nas relações entre razão e a cidade, tendo nas entidades existentes no meio urbano, o complemento necessário para o desempenho essencial no processo educacional, centrado na alma humana.

Platão e Aristóteles estão na História como uns dos mais notáveis e, também, mais influentes pensadores da educação. A pedagogia, a religião, a ética, a política, em suma, todos estes domínios do saber humano procuram neles fundamentação teórica. Ambos pensam o sujeito-cidadão visto não somente em sua realidade física, porém, maiormente, em sua natureza transcendente, que é base para toda a filosofia aristotélica e platônica.

Nessa sugestão de formação do homem baseada em suas virtudes vai de encontro a uma educação vista como aquela que desempenha dupla função:

prepara o cidadão político e ético com a capacidade de formar uma sociedade regrada no bem comum e no justo; é a passagem dialética que guia o indivíduo em sua dura caminhada na busca por justiça. Além da constituição do preparo técnico, a educação deve visar um preparo para a vida pública. Anteriormente ao profissional atuar/agir em qualquer lugar na vida social e de nela desempenhar qualquer cargo, era necessário formar o ser nobre, direcionado para o bem comum e para a justiça. À vista disso, a educação é posta como um procedimento face à humanização.

Como educador, o professor é aquele que revela ser o formador de uma crítica consciência, o que norteia a passagem de saída do universo das ilusões, das paixões e das aparências. Também como ser político, o professor é o defensor do bem comum e da justiça, desprendido de toda vontade de fama, riqueza ou poder, integralmente direcionado ao bem do próximo.

É nesse percurso que a pedagogia aristotélica e platônica busca ir de encontro a formar um professor consciente e eticamente justo. É a alma a grandeza que essencialmente interessa ao professor, pois é ela a natureza humana. Assim, pensando na retroalimentação do conhecimento que tem no professor aquele que professa um saber e que, portanto, precisa ser formado para formar, educado para educar, ensinado para ensinar, logo, de acordo com a Filosofia e linha platônica e aristotélica, é possível vislumbrar um horizonte de uma cidade que educa, dando início assim, à possibilidade real dos docentes, formados e conscientes do potencial educativo presente na cidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Editora Lafonte, 2017.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2014.

BRUGGEMANN, Marcelo Vagner. Cidade educadora e escola clássica de Atenas como proposta de pedagogia urbana em Caieiras. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, ano 6, ed. 10, v. 7, p. 82-99. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/cidade-educadora>. Acesso em: 05 nov. 2021.

CAMPS, Victoria. **Ética, retórica e política**. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

JAEGER, Werner. **PAIDEIA**: A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARITAIN, Jacques. **Humanismo Integral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

POZZOLI, Lafayette. Vida, trabalho e legado de Jacques Maritain para construir uma sociedade fraterna e com paz. **Brazilian Journal of Development**, 2019. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/1687> Acesso em: 05 nov. 2021.

SOUZA, Carlos Aurélio Mota de. **Valores de vida, violência e dignidade humana na cidade**. Instituto Jacques Maritain do Brasil, 2017. Disponível em: <http://maritain.org.br/valores-de-vida-violencia-y-dignidad-humana-en-la-ciudad/>. Acesso em: 05 nov. 2021.